

**CANDIDATURA DO RIO DE JANEIRO A PATRIMÔNIO MUNDIAL
CATEGORIA PAISAGEM CULTURAL**

MARCIA AGUIAR NOGUEIRA BATISTA

Arquiteta e urbanista, formada na FNA / UB em dezembro de 1962
Qualificação em paisagismo, preservação ambiental e do patrimônio
Filiação: CREA-RJ – 107/D, DF

CO-AUTORIA

MARIA CRISTINA VEREZA LODI – arquiteta especialista em patrimônio, coordenadora da equipe
RAFAEL WINTER RIBEIRO – geógrafo especialista em paisagem cultural
RENATA SÁ GONÇALVES – antropóloga
SÁVIO READER – geógrafo
DANILO MARIANO – estagiário
LÍVIA ALVES – estagiária
TAYSA TAVARES – estagiária

Dados para correspondência: Rua Gustavo Sampaio 576 apt 1204
Leme, Rio de Janeiro, CEP 22.10-010 telefone: 21 2275 2351
marcianbatista@terra.com.br

CANDIDATURA DO RIO DE JANEIRO A PATRIMÔNIO MUNDIAL – CATEGORIA PAISAGEM CULTURAL

O trabalho reflete um momento (junho de 2009) do desenvolvimento dos estudos para elaboração do dossiê da candidatura do Rio a Patrimônio Mundial, na categoria Paisagem Cultural. Para formatação do projeto, prevaleceram sempre as diretrizes e recomendações do Comitê do Patrimônio Mundial, adotadas pelos órgãos internacionais, ICOMOS e IUCN, assessores da Unesco na avaliação das candidaturas encaminhadas.

O Regulamento Operacional da Unesco para Implementação da Convenção do Patrimônio Mundial define que as paisagens culturais são bens culturais que representam as obras combinadas da natureza e do homem, ilustrativas da evolução da sociedade humana ao longo do tempo. Um sítio para se inscrever na Lista do Patrimônio Mundial como Paisagem Cultural, tem que necessariamente comprovar seu Valor Universal Excepcional, o que é feito através de documentos que confirmem sua Autenticidade e Integridade, devendo possuir um adequado Sistema de Proteção e Gerenciamento para garantir sua salvaguarda. Análises comparativas com outras candidaturas também são utilizadas como parâmetro para a verificação do Valor Universal Excepcional.

O sítio proposto como Rio Paisagem Cultural contém áreas exemplares da cidade, que foram reunidas em dois setores articulados entre si pela malha urbana com suas cadeias montanhosas, constituindo a zona de amortecimento. O primeiro setor é formado pelo Parque Nacional da Tijuca, Parque Lage e Jardim Botânico. O outro, pela sucessão dos elementos litorâneos – Parque do Flamengo com Museu de Arte Moderna e áreas adjacentes (Passeio Público, Praça Paris, Outeiro da Glória); entrada da Baía da Guanabara com seus morros e fortalezas dos lados leste e oeste (Rio e Niterói), estendendo-se até à enseada de Botafogo; e praia de Copacabana com suas pontas (morro do Leme e forte de Copacabana estendendo-se à pedra do Arpoador).

Palavras-Chave: paisagem cultural; Valor Universal Excepcional.

CANDIDATURA DO RIO DE JANEIRO A PATRIMÔNIO MUNDIAL

CATEGORIA PAISAGEM CULTURAL

A Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, reunida em Paris em 16 de novembro de 1972 formulou as primeiras definições para o patrimônio cultural e o patrimônio natural, estabelecendo parâmetros para a aplicação destes conceitos. A paisagem cultural começou a ser discutida apenas a partir de 1992, como integração entre bens culturais e naturais, valorizando a relação homem – natureza.

A primeira candidatura do Rio de Janeiro a Patrimônio Mundial foi apresentada em 2002, como sítio misto, natural e cultural, sob a coordenação do Ministério do Meio Ambiente, incluindo três fragmentos: o Parque Nacional da Tijuca, o Jardim Botânico e o Pão de Açúcar. Sua análise levou o ICOMOS – *International Council on Monuments and Sites* e a IUCN – *World Conservation Union*, órgãos internacionais que apóiam a Unesco na avaliação dos dossiês das candidaturas apresentadas, a tecerem comentários e recomendações no sentido de que o Rio fosse inscrito como paisagem cultural.

A nova candidatura, coordenada pelo IPHAN – Ministério da Cultura insere-se numa estrutura organizacional constituída de: Comitê Institucional, com representação política nas três instâncias governamentais e na sociedade civil, responsável pela articulação política, estabelecimento de parcerias, legitimação de ações e apoio institucional; Comitê Executivo, com representação similar, fazendo a ponte entre o Comitê Institucional e o Comitê Técnico, estabelecendo diretrizes gerais, estratégias de execução e o cronograma das ações; Comitê Técnico, composto por representantes técnicos das três instâncias, com atribuições de definição de diretrizes técnicas para elaboração do dossiê e fixação de diretrizes para a gestão compartilhada do sítio Rio Paisagem Cultural.

Para compreensão e aplicação do conceito de paisagem cultural a ser adotado no novo dossiê, recorreu-se à bibliografia especializada, com destaque para trabalhos de Augustin Berque, Anne Cauquelin, Peter Fowler, Jean Pierre Halévy, Nora Michell, Patrícia O'Donnel, Eduardo Martinez de Pisón, Michael Turner, às Cartas Patrimoniais relativas às questões da paisagem e principalmente, às Diretrizes Operacionais da Unesco, em seus aspectos conceituais e metodológicos. Muito útil à compreensão do processo de elaboração e de avaliação de um dossiê, também tem sido o acesso, através do website da Unesco, às demais candidaturas já apresentadas, com suas respectivas avaliações pelo ICOMOS e IUCN.

O Regulamento Operacional da Unesco para Implementação da Convenção do Patrimônio Mundial define que o campo para inscrição da Paisagem Cultural na Lista do Patrimônio Mundial deve ser delimitado por seus aspectos de funcionalidade e inteligibilidade. Estabelece as principais definições aplicadas às paisagens culturais:

- são bens culturais e representam as obras combinadas do homem e da natureza;
- são ilustrativas da evolução da sociedade humana ao longo do tempo, sob a influência das limitações físicas e / ou oportunidades apresentadas pelo seu ambiente natural e das sucessivas forças sociais, econômicas e culturais, externas e internas;
- refletem comumente as técnicas viáveis de utilização das terras, tomando em consideração as características e limites do ambiente natural no qual estão inseridas, assim como uma relação espiritual específica com a natureza;
- devem ser escolhidas com base em seu valor universal excepcional e em sua representatividade na região geocultural a que pertencem, tendo em vista sua capacidade de ilustrar os elementos culturais essenciais e distintos dessa região;
- recobrem uma grande variedade de manifestações interativas entre o homem e seu ambiente natural.

- **Elementos do Sítio Rio Paisagem Cultural**

Áreas exemplares foram identificadas na Cidade do Rio de Janeiro, onde a interação entre a natureza e a ação do homem definiu uma paisagem cultural única. Considerou-se que seus elementos enquadram-se nos pré-requisitos para a inscrição do Rio de Janeiro na Lista do Patrimônio Mundial, reunindo-os em dois setores: o primeiro, formado pelo Parque Nacional da Tijuca, Parque Lage e Jardim Botânico; o outro, pela sucessão dos elementos litorâneos – Parque do Flamengo com o Museu de Arte Moderna e áreas adjacentes (Passeio Público, Praça Paris, Outeiro da Glória); entrada da Baía da Guanabara com seus morros e fortalezas dos lados leste e oeste (Rio e Niterói), estendendo-se até à enseada de Botafogo; e praia de Copacabana com suas pontas (morro do Leme e forte de Copacabana estendendo-se à pedra do Arpoador).

A figura 1 destaca os dois setores, com os elementos que constituem o sítio Rio Paisagem Cultural, articulados entre si pela malha urbana com suas cadeias montanhosas.

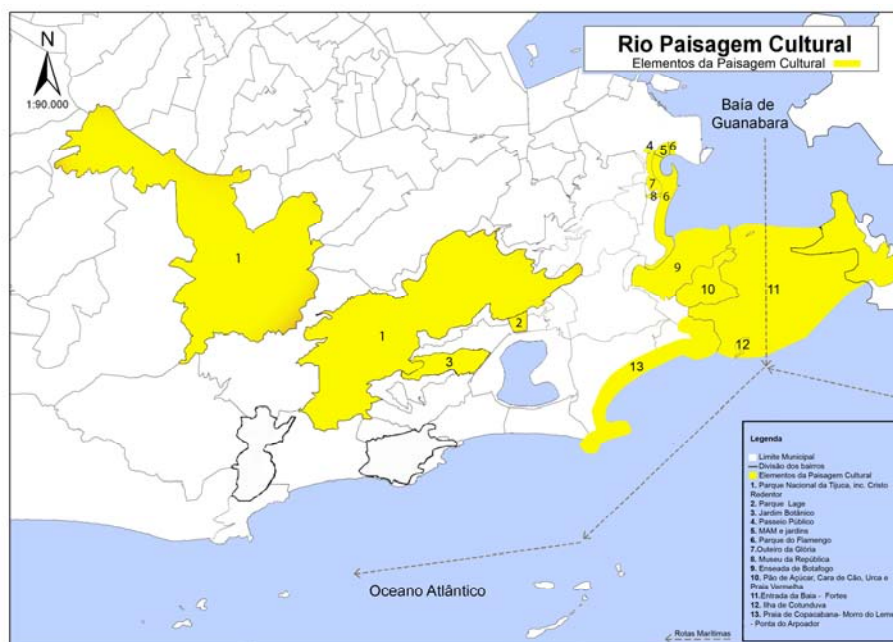


Figura 1 – Elementos do sítio Rio Paisagem Cultural.

• Classificação da Paisagem Cultural

O Regulamento Operacional define que um sítio considerado como Paisagem Cultural, assim como os elementos que o compõem, devem ser classificados por Categorias:

- (i) Paisagem claramente definida, desenhada e criada intencionalmente pelo homem;
- (ii) Paisagem evoluída organicamente, resultante de uma força social, econômica, administrativa e/ ou religiosa inicial, desenvolvida em sua forma atual por associação com seu meio ambiente natural, refletindo esse processo evolutivo em suas formas e características; pode ser uma paisagem relíquia/ fóssil ou uma paisagem contínua;
- (iii) Paisagem associativa, resultante de fortes associações religiosas, artísticas ou culturais com os elementos naturais.

O sítio Rio Paisagem Cultural foi classificado nas três Categorias. Seus elementos se referem às:

(i) paisagens claramente definidas –

- o Museu de Arte Moderna e seus jardins, juntamente com o Parque do Flamengo, são os elementos que mais se enquadram nesta Categoria por serem importantes testemunhas do movimento moderno no Rio, obras de valor internacional em função de sua importância na paisagem cultural, de seu significado para a população e pela qualidade da arquitetura e do urbanismo de Affonso Eduardo Reidy e do paisagismo de Roberto Burle Marx, tornando-se importantes ícones de nossa paisagem cultural;
- o calçadão da praia de Copacabana, projetado por Burle Marx nos anos 1970 sobre terra conquistada ao mar, tornou-se um modelo de paisagismo no trato com o espaço linear;

- os jardins do Parque Lage e do Museu da República, são excelentes exemplos de jardins residenciais projetados no século XIX e atualmente abertos ao público;
- o Passeio Público retrata dois momentos de fundamental importância para o paisagismo no Brasil: o do projeto de Mestre Valentim (1783) após o aterro da Lagoa do Boqueirão, conforme o que predominava à época nos jardins palacianos europeus, caracterizado por um traçado geométrico como expressão da paisagem dominada pelo homem; e o do projeto de Glaziou (1860), trazendo um padrão de intervenção paisagística nos moldes do novo modelo europeu e ao mesmo tempo, adaptando-o às condições locais; ao introduzir a tradição do jardim inglês com seus elementos românticos, cumpriu papel vital na mudança do paradigma de como fazer jardins¹;
- as contribuições de Glaziou no século XIX e de Burle Marx nos anos 1940 no Parque Nacional da Tijuca, ao associarem o agenciamento paisagístico ao reflorestamento, compatibilizaram os diversos usos da área;

(ii) às paisagens contínuas –

- a Floresta da Tijuca e as áreas adjacentes do Jardim Botânico e Parque Lage constituem excelentes exemplos do trabalho de reflorestamento que, a partir dos anos 1860, transformou uma floresta em estágio de declínio em mata densa, apresentando hoje mais de 70% de vegetação nativa. Este resultado foi obtido em decorrência da grande predominância de espécies nativas utilizadas no reflorestamento, fator responsável pela garantia da sucessão vegetacional;

(iii) às paisagens associativas –

- a imagem do Cristo Redentor no Corcovado e o caminho aéreo do Pão de Açúcar tornaram-se ícones de reconhecimento internacional;
- o Parque Nacional da Tijuca, além de se apresentar como elemento fundamental no equilíbrio ambiental da cidade, tornou-se também importante centro de recreação e lazer com seus espaços de convivência e com suas trilhas e cachoeiras que atraem grande público ao longo do ano;
- a Igreja de Nossa Senhora da Glória no alto do outeiro de mesmo nome, desde o início do século XVIII marca a iconografia carioca com sua presença no alto do morro cujas bases, antes dos sucessivos aterros, eram banhadas pelo mar; as festas em homenagem à padroeira sempre reuniram multidões de todas as classes sociais;
- os morros que se estendem até o oceano, como os conjuntos Cara de Cão- Pão de Açúcar- Urca, Leme- Urubu- Babilônia, constituem fortes marcos da paisagem carioca e de seu imaginário;

¹ Jacques Leenhardt analisa em *Nos Jardins de Burle Marx* que as realizações urbanísticas de Glaziou, e em particular a convergência que nele se concretizava de um saber botânico excepcional e de uma estética de formas precisas embora flexíveis, são da maior importância para compreendermos a gênese da obra de Burle Marx.

- o Parque do Flamengo, ao conciliar a solução viária com o agenciamento paisagístico, transformou-se na principal área de lazer da cidade e de valor fundamental para a paisagem cultural;
- as pontas de Copacabana e do Arpoador atuam como elementos de alta significância na paisagem e de uso associado;
- a praia de Copacabana desempenhou importante papel no início do século XX ao despertar a população carioca e seus visitantes para a cultura da praia; o desenho de sua calçada virou marca da paisagem carioca desde a primeira urbanização e foi posteriormente, incorporada por Burle Marx no desenho do calçadão; ainda hoje é grande a concentração de turistas no bairro, que apresenta uma boa oferta hoteleira, continuando a ser o principal local da festa do Reveillon carioca, onde predomina um forte sincretismo religioso.

- **Valor Universal Excepcional**

Um sítio para ser inscrito na Lista do Patrimônio Mundial como Paisagem Cultural, tem que necessariamente comprovar seu Valor Universal Excepcional, o que significa demonstrar “que ela é tão excepcional a ponto de transcender as fronteiras nacionais e ser de comum importância para as gerações atuais e futuras de toda a humanidade”...“Portanto, a permanente proteção deste patrimônio é da maior importância para a comunidade internacional como um todo.”²

O relatório do ICOMOS relativo à primeira candidatura, já havia identificado valores universais na paisagem do Rio:

- “As zonas propostas para inscrição também têm uma importância imaterial notável, devido à sua associação aos milhões de moradores da cidade... Os moradores apreciam no mais alto grau as qualidades culturais do lugar, sua beleza, o lazer que oferece, e a imagem que dá do Rio, a que eles se identificam. Enquanto ícones que simbolizam o Rio, essas qualidades possuem um valor universal para além do quadro da cidade.”³
- “...sua qualidade panorâmica impressionante serviu de inspiração para muitas formas de arte, seja na literatura, na poesia ou na música. Conseqüentemente, o conjunto é ligado à identidade do Rio. Não resta dúvida de que as imagens do Rio, que mostram a Baía, o Pão de Açúcar e a estátua do Cristo, são um fator de reconhecimento mundial.”³

O reconhecimento do valor excepcional do Rio tem sido expresso de inúmeras formas, através da literatura, música, cinema. Citam-se os textos de Maria Graham em *Diário de uma Viagem ao Brasil* (1821) e de Stefan Zweig em *Brasil, País do Futuro* (1941).

² Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention.

³ Avaliação de Bens Culturais preparada pelo ICOMOS – Rio de Janeiro (Brasil) nº 1100. Comitê do Patrimônio Mundial, 27ª Sessão Ordinária 930.06 A (05.07.2003).

“Nada do que até hoje vi é comparável em beleza a esta baía. Nápoles, o estuário do Forth, o Porto de Bombaim e Tricomali, cada um dos quais eu julgara perfeito em sua beleza, todos devem ceder lugar a esta baía, que excede a cada qual em suas peculiaridades. Soberbas montanhas, penedos em colunas superpostas, vegetação luxuriante, ilhas claras e floridas, praias verdes e tudo isso, combinado ao casario branco; cada morro coroado por sua igreja ou fortaleza, navios ancorados ou a se moverem e numerosos botes a velejarem num clima delicioso, conjugam-se para tornar o Rio de Janeiro o mais encantador cenário que a imaginação pode conceber” (Graham, 1821).

“A cidade, vista dos morros, é uma e, vista do mar, é outra; mas por toda parte há harmonia, pormenores que se reúnem para constituírem uma unidade sempre completa. O Rio de Janeiro é uma natureza que se tornou cidade, e é uma cidade que dá impressão de natureza” (Zweig 1941).

- **Autenticidade e Integridade**

Os pilares para o reconhecimento do Valor Universal Excepcional de um bem patrimonial são a Autenticidade e a Integridade que ele apresenta.

A Autenticidade da paisagem cultural está diretamente relacionada à identidade cultural da cidade e ao grau de originalidade dos diferentes elementos que a compõem. As Diretrizes Operacionais definem os atributos da Autenticidade: forma, concepção e localidade; uso e função; tradições e espírito do lugar.

No Rio de Janeiro, a Autenticidade está presente na relação entre os elementos estruturadores da paisagem cultural: a montanha, a floresta, o mar e a cidade com suas expressões culturais, conforme figura 2.

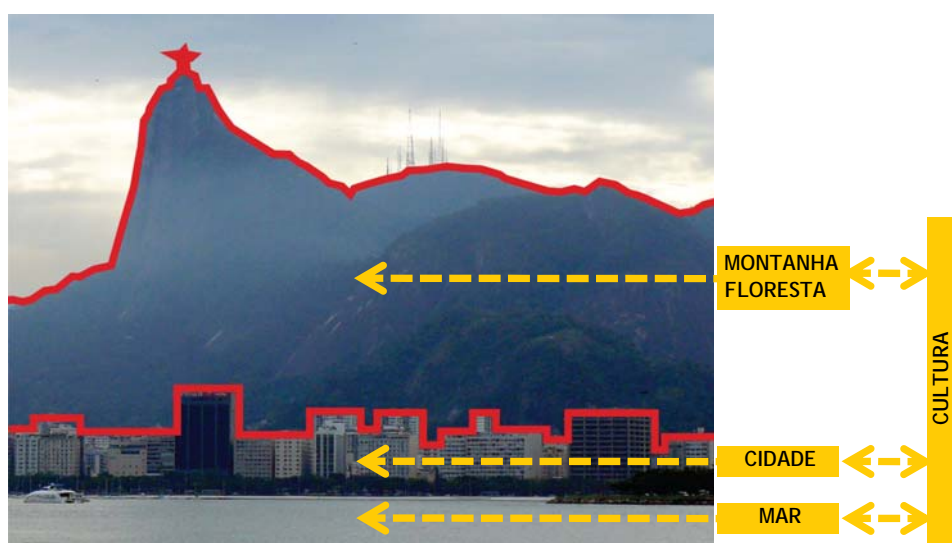


Figura 2 – Relação esquemática Cidade/Natureza/Cultura.

O relatório do ICOMOS relativo à primeira candidatura, já reconhecia a originalidade de nossa paisagem. “Embora o Rio de Janeiro possua elementos que existem em outros lugares, em outros contextos urbanos, seu conjunto é extraordinariamente original. Uma floresta ocupa seu centro, o que é provavelmente uma circunstância única no mundo...o Rio apresenta uma combinação única de fatores naturais e humanos que conferem à cidade sua originalidade”⁴

Roberto Segre, ao discorrer sobre a paisagem urbana do Rio, assim se refere aos traços que marcam sua identidade “Em uma cidade marcada pela irregularidade do traçado costeiro, pela presença de montanhas e colinas obstruindo a ligação entre escassas planícies e frondosas florestas e praias bucólicas, aplicar o velho conceito de determinismo geográfico sugere mais a ocorrência de um ambiente propício ao prazer e ao hedonismo do que propriamente ao duro trabalho diário”. E acrescenta, “A isso agrega-se a mistura racial e a interação social em espaços coincidentes. Num mesmo bairro, observam-se edifícios luxuosos e mansões milionárias ao lado de favelas. Ricos e pobres, negros e brancos, esforçados trabalhadores e lânguidos *socialites*, tradicionais moradores e curiosos turistas, todos formam esse *melting pot* que caracteriza a fisionomia do Rio de Janeiro.”⁵

A Carta de Nara (novembro de 1994) tem sido utilizada como documento chave no que diz respeito à avaliação da Autenticidade de cada elemento da paisagem cultural. “O entendimento da autenticidade é papel fundamental dos estudos científicos do patrimônio cultural, nos planos de conservação e restauração, tanto quanto nos procedimentos de inscrição utilizados pela Convenção do Patrimônio Mundial e outros inventários de patrimônio cultural.”

A Integridade de um sítio refere-se ao grau em que seus atributos se apresentam completos e intactos em relação à sua forma e concepção originais. Segundo o Relatório do ICOMOS, “O Rio de Janeiro é o resultado da união da cidade, do mar e da montanha ... A floresta - talvez a maior floresta urbana do mundo - representa um exemplo significativo e precoce ...de restauração ecológica mediante reflorestamento, na escala da América Latina e do Ocidente em geral. Essa paisagem proposta para inscrição é um excelente exemplo de planejamento e gestão urbana da periferia de uma zona urbana em desenvolvimento, com influências mútuas no decorrer do tempo.”⁴

Para que um sítio seja considerado “como um sistema harmonioso, sua integridade depende do grau de equilíbrio que os elementos que o compõem, mantenham entre si”, afirma Carlos Fernando de Moura Delphim.⁶

⁴ Avaliação de Bens Culturais preparada pelo ICOMOS – Rio de Janeiro (Brasil) nº 1100. Comitê do Patrimônio Mundial, 27ª Sessão Ordinária 930.06 A (05.07.2003).

⁵ Roberto Segre em seu texto sobre Os caminhos da modernidade carioca no Guia de Arquitetura Moderna do Rio de Janeiro, aborda a questão da relação natureza, cultura e sociedade, numa linha de pensamento muito próxima à que é adotada pela Unesco na definição de paisagem cultural.

⁶ Carlos Fernando de Moura Delphim teve o gesto pioneiro de reunir a experiência de sua equipe do IPHAN na área de Patrimônio Natural, elaborando o Manual de Intervenções em Jardins Históricos, que contém conceitos universalmente aceitos e perfeitamente aplicáveis. Criou também uma nova figura de reconhecimento de bens culturais à Paisagem Cultural Brasileira.

Para se avaliar a Integridade de um sítio, são observados os aspectos que interferem em cada um dos atributos que a caracterizam: funcional e social; material e estrutural; estético e visual; espírito do lugar. É necessário também verificar em que medida o sítio: a) inclui os elementos necessários para exprimir o seu valor universal excepcional; b) é de tamanho adequado para assegurar a completa representação das características e dos processos que transmitem seu significado; c) sofre efeitos negativos de desenvolvimento e / ou negligência.⁷

- **Áreas Protegidas**

Para que um sítio tenha seu Valor Universal Excepcional reconhecido, ele e todos os seus elementos, além de atender às condições de Integridade e Autenticidade requeridas, devem possuir um adequado Sistema de Proteção e Gerenciamento que garanta sua salvaguarda.

Pode-se considerar que o Rio de Janeiro, ao crescer entre o mar, a montanha e a floresta, conjugado à cultura que nele se desenvolveu, criou ao longo de seu desenvolvimento, diversas medidas de proteção da paisagem cultural, iniciando-se no século XIX com o reflorestamento das terras danificadas pelas fazendas de café, acompanhado pela desapropriação de terrenos da Floresta da Tijuca que continham os cursos d'água utilizados para o abastecimento da cidade e seus mananciais.

Com a criação do IPHAN em 1937, ficou assegurada a preservação dos bens de valor patrimonial no Brasil. O Decreto-Lei 25, que tem servido de modelo aos órgãos de cultura em todas as instâncias, ao garantir a visibilidade do bem tombado protegendo inclusive o seu entorno, estendeu a proteção cultural à paisagem de nossas cidades. No Rio, o Inepac e a atual Subsecretaria do Patrimônio Cultural, vêm também trabalhando neste sentido.

Alem do tombamento, a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro passou a adotar também um outro instrumento de preservação paisagística e cultural, com a criação das APACs – Áreas de Proteção do Ambiente Cultural, que visam a proteção de conjuntos urbanos de edificações de interesse cultural ou que contêm edificações representativas de fases da formação do bairro, sendo responsáveis por sua memória e identidade.

Elaborou-se o mapeamento das áreas protegidas para uma região que abrange o sítio Rio Paisagem Cultural e o ultrapassa, contendo as áreas protegidas pela legislação federal, incluindo as Portarias do IPHAN que se referem ao entorno de bens tombados, as áreas de proteção estadual e as de proteção municipal, inclusive as APACs. E, uma vez que a paisagem cultural corresponde a um bem cultural que representa as obras conjugadas do homem e da natureza, incluiu-se também nesse estudo, as áreas de proteção ambiental definidas como Unidades de Conservação ou como parques urbanos pelos órgãos de meio ambiente das três instâncias.

⁷ Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention.

A figura 3 apresenta o mosaico das áreas protegidas, inclusive a área de amortecimento do Parque Nacional da Tijuca, indicando o grau de proteção legal a que a região está submetida. Este estudo confirmou que o sítio Rio Paisagem Cultural concentra o maior número de bens protegidos em todo o território municipal.

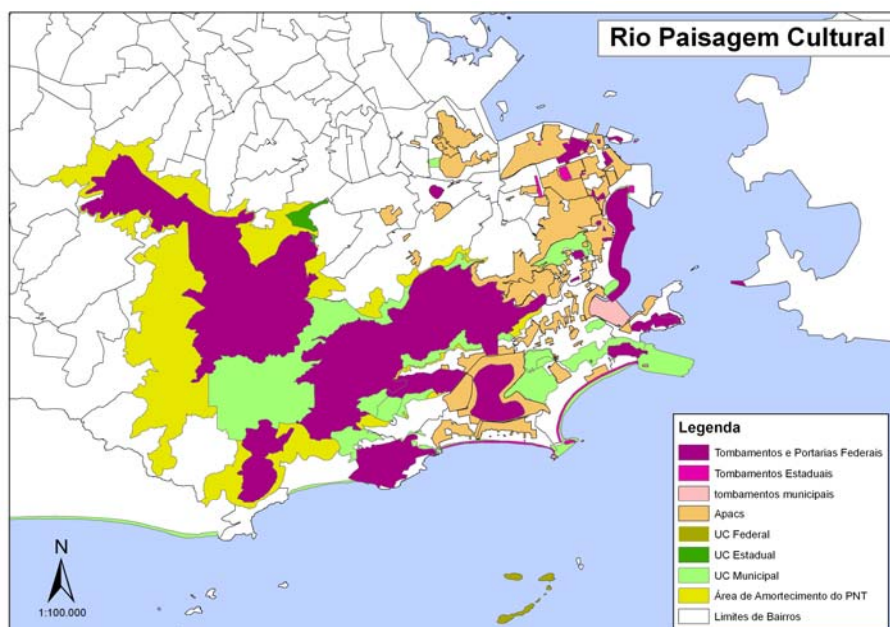


Figura 3 – Áreas Protegidas.

Soma-se às proteções baseadas nas legislações de patrimônio e de meio ambiente, o papel desempenhado pela legislação urbanística, que no Rio tem tido um caráter bastante preservacionista. Trabalho recente de Mônica Bahia Schlee e Maria Paula Albernaz intitulado “Proteção das Encostas pela Legislação Municipal: uma avaliação da situação atual na cidade do Rio de Janeiro” discute a eficácia da legislação que incide sobre as encostas da cidade, referindo-se a seus diversos mecanismos. Analisa os instrumentos de controle da ocupação das encostas, considerando o pioneirismo do Decreto E 3800 de 1970 que definiu as Zonas Especiais, onde foi estabelecido pela primeira vez na legislação urbanística da cidade, um limite para a ocupação das encostas, ficando definida a cota 60 (60 metros acima do nível do mar) para o Pão de Açúcar, Urca e Telégrafo e a cota 100 para os demais morros da cidade.⁸

A percepção da paisagem urbana que temos hoje, evidencia a importância desta restrição que em parte, é responsável pela cobertura vegetal que nossos morros ainda mantêm.

⁸ As autoras, com base no estudo em que participam no âmbito da Secretaria de Urbanismo da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, de confrontação das legislações urbanísticas, de proteção ambiental e de proteção cultural, elaboraram essa avaliação da legislação vigente no que se refere à ocupação das encostas, com vistas ao seu gerenciamento.

- **CrITÉRIOS de Avaliação**

A Convenção do Patrimônio Mundial definiu dez critérios de avaliação para inscrição de um sítio na Lista do Patrimônio Mundial. O Comitê condiciona o reconhecimento do Valor Universal Excepcional, ao atendimento a alguns destes critérios. No caso da candidatura do Rio, foram selecionados três, cuja justificativa está sintetizada abaixo.

CrITÉrio (ii): ser a manifestação de um intercâmbio considerável de valores humanos no desenvolvimento da arquitetura, artes, planejamento urbano ou paisagismo.

As medidas de proteção adotadas ainda no século XIX com o reflorestamento do Maciço da Tijuca e a posterior criação do Parque Nacional da Tijuca, assim como de outras áreas verdes significativas para o equilíbrio ambiental da cidade, vieram reforçar a manutenção da relação entre a cidade construída, a natureza e a sociedade, formando muitas vezes situações exemplares que exerceram influência de grande alcance.

Inclui-se nesta linha, a implantação do Museu de Arte Moderna e do Parque do Flamengo, onde se destaca o papel exercido no dizer de Lauro Cavalcanti, pelos arquitetos brasileiros no panorama internacional da arquitetura moderna. “A história da arquitetura modernista nos anos quarenta e cinquenta não pode mais ser escrita apenas em termos de influência européia nas Américas. Penso que uma abordagem considerando um diálogo triangular pode expandir e lançar nova luz na compreensão do fluxo de formas e idéias nas arquiteturas modernas do Brasil, Estados Unidos e Europa.”⁹ Acrescenta-se à influência da arquitetura moderna brasileira, a do paisagismo na figura de Roberto Burle Marx, que teve no Parque do Flamengo um de seus principais desempenhos, reforçando assim o valor universal excepcional da paisagem cultural da cidade.

CrITÉrio (iv): ser exemplo excepcional de um tipo de edifício ou de conjunto arquitetônico ou tecnológico, ou de paisagem que ilustre uma ou várias etapas significativas da história da humanidade.

A paisagem cultural do Rio, produzida ao longo de mais de quatro séculos, reflete diferentes momentos de sua história: desde elemento de defesa e porto para comunicação com a metrópole, passando pela posição de porto para exportação do ouro e dos diamantes das Minas Gerais, até se transformar na capital do Império, com suas novas funções. Os primeiros espaços públicos criados na cidade – o Largo do Carmo, o Passeio Público, o Jardim Botânico, o Campo de Santana, distinguiram-se por seu traçado e uso, adotando uma tipologia de jardins que teve influência em todo o país.

⁹ Lauro Cavalcanti avalia a influência dos arquitetos brasileiros no surgimento do que ele denomina, o sotaque das Américas na linguagem do modernismo internacional.

Ao pretender se transformar em metrópole tropical e adotar o modelo haussmaniano para sua grande reforma, o Rio de Janeiro soube incorporar os conceitos em voga, adequando-os às condições locais. A Avenida Central foi o principal símbolo da *Belle Époque* carioca e a Avenida Beira-Mar, a grande contribuinte para a mudança da relação da cidade com a praia.

O movimento moderno transformou a paisagem urbana ao introduzir novas edificações em estudada relação com a natureza e principalmente com o novo tratamento dos espaços públicos, onde se destacou o paisagismo modernista do qual Burle Marx foi a expressão máxima. Toda a orla, desde a Glória até à ponta de Copacabana foi por ele desenhada. Assim, a paisagem do Rio de Janeiro, vista como acúmulo desigual de tempos, permite uma leitura de momentos marcantes da história que, ao se associarem a um sítio natural excepcional, produziram uma paisagem cultural única.

Critério (vi): estar associado a acontecimentos ou tradições vivas, com idéias ou crenças, ou com obras artísticas ou literárias de significado universal excepcional.

A diversidade cultural é marca de muitas grandes cidades, porém no Rio de Janeiro ela agrega valor universal excepcional à nossa paisagem cultural. As relações entre a urbe, o mar, a floresta e as manifestações culturais moldaram esta paisagem, tornando-se seus elementos estruturadores. Mais do que usos, há no Rio uma singularidade onde os processos socioculturais deram origem à forma excepcional da paisagem. Os usos sociais das ruas, os espaços à beira do mar e das lagoas, os parques, as festas, as praças e os botequins cariocas promovem os encontros entre esses elementos.

Dentre as expressões artísticas cultivadas no sítio Rio Paisagem Cultural, destacam-se símbolos fortes do imaginário brasileiro e mundial como: a imagem do Cristo Redentor no alto do Corcovado; o conjunto dos morros Pão de Açúcar- Cara de Cão- Urca, na entrada da baía ou visto desde a enseada de Botafogo; o desenho da pedra portuguesa aplicado na praia de Copacabana, entre outros. Nas artes, na literatura, na música, estes ícones da nossa paisagem têm estado sempre presentes, evidenciando como a cultura carioca se torna canal de expressão de uma infinidade de talentos artísticos e fonte de sociabilidade positiva a permear os diversos espaços da cidade.

- **Análises comparativas**

O Regulamento Operacional recomenda que sejam feitas análises comparativas com outras candidaturas, servindo como parâmetro para a avaliação do Valor Universal Excepcional.

Três sítios foram comparados com o Rio: Sintra, em Portugal; Buenos Aires, na Argentina; e Cidade do Cabo na África do Sul. Todos têm aspectos em comum com nossa paisagem cultural por serem exemplos de desafios bem sucedidos para a implantação humana e sua adaptação, a

partir de matrizes culturais distintas, a territórios de grande diversidade morfológica e biológica, com experiências marcantes de conquista e preservação.

Alguns aspectos que deram origem a esses sítios, podem ser comparados em termos de processos sociais, econômicos e culturais (Rio e Buenos Aires); outros são similares na forma de implantação (Rio e Cidade do Cabo); finalmente entre Rio e Sintra, uma conjuntura social e política similar favoreceu a implantação de um mesmo modelo de paisagismo. Buenos Aires é a primeira metrópole que se candidata a Patrimônio Mundial como paisagem cultural. Os outros dois sítios já foram incluídos na Lista do Patrimônio Mundial.

– Rio e Sintra

Em Sintra, o Rei Ferdinando II, cunhado de D. Pedro II, transformou as ruínas do Convento de Nossa Senhora da Pena no Palácio da Pena e criou em seu entorno, o Parque da Pena, inserido nas florestas da serra, onde não faltam de acordo com o espírito romântico da época, fontes, lagos, ruínas, capelas, miradouros, que conferem magia ao lugar. No Rio, a Floresta da Tijuca, considerada a maior floresta urbana do mundo, recebeu sua principal contribuição na segunda metade do século XIX com o reflorestamento a cargo do Major Archer. Em seguida, o Barão d'Escragnoille, atendendo solicitação de D. Pedro II e contando com o apoio de Glaziou, integrou a ela um parque público com caminhos, áreas de lazer, fontes e lagos artificiais, nos moldes do paisagismo romântico europeu.

Considera-se hoje que o paisagismo implantado no parque de Sintra, e porque não dizer também na Floresta da Tijuca (uma vez que são obras contemporâneas e de mesma inspiração e formato), tenha influenciado o desenvolvimento da arquitetura paisagística mundial.

– Rio e Buenos Aires

São duas cidades que ao longo de seu desenvolvimento, apresentaram identidades e divergências, sendo motivo para aproximação e competição. Ambas de colonização ibérica no Novo Mundo, cresceram como importantes cidades portuárias exercendo controle e influência sobre uma grande *hinterlândia*, consolidaram-se no período colonial como pólos de contato e de controle de zonas mineradoras do Novo Mundo e no século XIX, como capitais e centros de poder dos dois maiores países da América do Sul. Hoje, as duas constituem grandes metrópoles de países periféricos, com população acima de 10 milhões de habitantes, passaram por reformas modernizantes no início do século XX a partir de ideais europeus, prevalecendo o modelo de desenvolvimento haussmaniano com forte influência do paisagismo de Alphand, no Brasil com Glaziou e em Buenos Aires com Thays, que ao interferirem de forma significativa em seus espaços verdes (praças e parques) marcaram significativamente a paisagem de ambas.

Do ponto de vista do território em que foram construídas, a tropicalidade do Rio de Janeiro, com seu relevo acidentado e a presença da floresta, marca grande diferença. As duas cidades constituem hoje pólos de diversidade cultural por terem recebido influência de diferentes países a partir da colonização: em Buenos Aires, com a predominância européia; no Rio de Janeiro, com a marca significativa da matriz africana em sua paisagem cultural. Enquanto que no Rio, as praias e a rua correspondem ao lócus de sociabilidade e de encontros, em Buenos Aires são os parques e cafés que o fazem.

– **Rio e Cidade do Cabo**

Rio e Cidade do Cabo são resultantes da colonização européia e do seu processo de expansão no mundo, embora relacionadas a origens bastante distintas; hoje, são cidades com grandes disparidades sociais e econômicas marcadas na paisagem.

Assim como o Rio, a Cidade do Cabo foi implantada numa faixa de terra entre o mar e a montanha, Montanha da Mesa, cujo pico excede os mil metros de altitude (1.086 m contra 1.024 m do pico da Tijuca) e onde também se localiza um Parque Nacional muito visitado e de grande biodiversidade. A principal diferença entre as duas cidades está na forma de implantação da malha urbana em relação ao ambiente natural, na adequação de cada uma às contingências do território.

• **Delimitação do sítio Rio Paisagem Cultural e sua zona de amortecimento**

A Convenção do Patrimônio Mundial estabeleceu a relação entre o sítio e sua zona de amortecimento, definindo que o sítio deve conter os elementos com Valor Universal Excepcional enquanto que a zona de amortecimento deve garantir proteção adicional para este Valor Universal Excepcional e para a Integridade do sítio. Portanto, a zona de amortecimento não é considerada como parte integrante do sítio, porém seus limites devem ser registrados no momento da inscrição para garantir sua proteção e gerenciamento.

O sítio Rio Paisagem Cultural caracteriza-se por conter significativos pontos de visualização. A partir de dois pontos destacados entre os elementos do sítio (Corcovado e mirante do Forte, em Niterói), foram traçados eixos que em princípio, delimitam a zona de amortecimento, correspondendo à área urbana situada entre seus dois setores. A figura 4 indica o sítio Rio Paisagem Cultural e sua zona de amortecimento, à qual foi anexada a área de amortecimento do Parque Nacional.

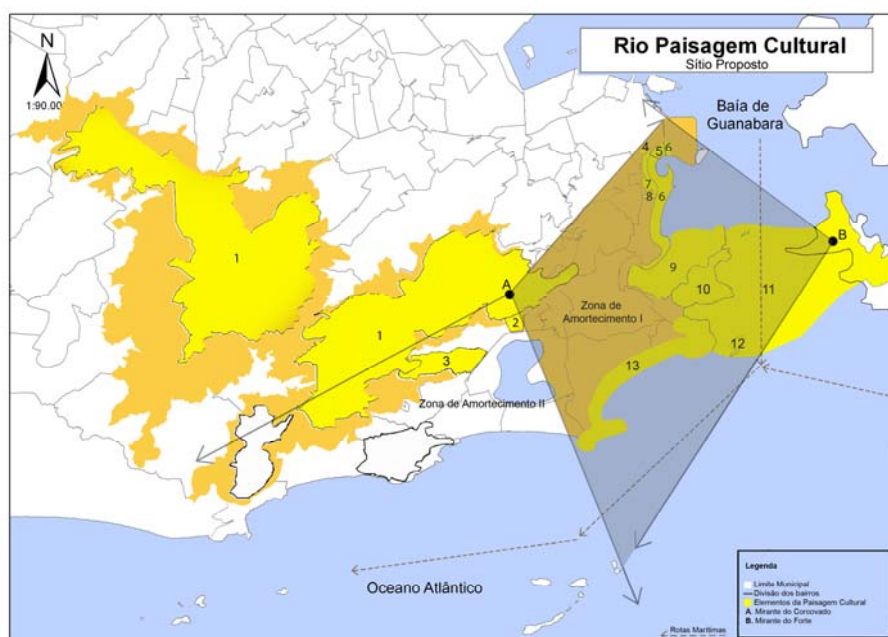


Figura 4 – Sítio Rio Paisagem Cultural.

- **Compromissos de uma candidatura a patrimônio mundial**

A intenção da Convenção do Patrimônio Mundial é “estabelecer um sistema efetivo de proteção do patrimônio natural e cultural de excepcional valor universal, organizado numa base permanente, de acordo com métodos científicos”¹⁰. Assim, uma vez que um sítio tenha sido inscrito na Lista de Patrimônio Mundial da Unesco, o Estado Parte tem responsabilidade de assegurar que as qualidades que o levaram ao reconhecimento mundial, sejam mantidas. Ao mesmo tempo, é de interesse da comunidade internacional, representada pelo Comitê do Patrimônio Mundial, observar que este patrimônio seja salvaguardado. Por esta razão, são solicitados relatórios periódicos do estado de conservação das propriedades, o que é monitorado pelo Comitê.

Após o reconhecimento da cidade do Rio de Janeiro como Patrimônio Mundial, os compromissos assumidos pelo Governo em suas três instâncias e os benefícios advindos, serão:

- Obrigação de assegurar a proteção, conservação, valorização da área identificada como Patrimônio Mundial, para garantia das características e condições identificadas, visando sua transmissão às gerações futuras;
- Gestão compartilhada entre as instituições das três instâncias governamentais responsáveis pelo sítio Rio Paisagem Cultural: criação do Conselho Gestor, do Fundo de Conservação e do Plano de Gestão da Paisagem Cultural;
- Acompanhamento da gestão pelo Comitê do Patrimônio Mundial;

¹⁰ Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention.

- Assistência internacional com recursos do Fundo para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, para estudos e projetos de conservação da Paisagem Cultural e de educação patrimonial;
- Incremento do turismo cultural, da economia da cultura e do turismo;
- Contribuição para a manutenção do posicionamento da cidade no cenário internacional.

BIBLIOGRAFIA

CAVALCANTI, Lauro. Quando o Brasil era moderno, Guia de Arquitetura 1928-1960. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001.

CURY, Isabelle (org). Cartas Patrimoniais. Rio de Janeiro: IPHAN, Edições do Patrimônio, 2000.

DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. Manual de Intervenções em Jardins Históricos. Brasília: IPHAN, 2005.

GUIMARÃES, Cêça (org). Arquitetura e Movimento Moderno. Rio de Janeiro: Coleção Proarq. FAU-UFRJ, 2006.

LEENHARDT, Jacques (org). Nos Jardins de Burle Marx. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Guia da Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2000.

RIBEIRO, Rafael Winter. Paisagem Cultural e Patrimônio. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

SCHLEE, Mônica Bahia e ALBERNAZ, Maria Paula. Proteção das Encostas pela Legislação Municipal: uma avaliação da situação atual na cidade do Rio de Janeiro. XIII Encontro da ANPUR – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, Santa Catarina, 2009.

UNESCO, *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention*. Paris: *World Heritage Centre*, 2008. Disponível em < <http://whc.unesco.org/en/guidelines/> > Acesso em 20 jun. 2009.